

O PODER DE UMA DIFERENÇA: UM ESTUDO SOBRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Hélen Cristina da SILVA *

Vanderci de Andrade AGUILERA **

- **RESUMO:** O presente artigo analisa as crenças e as atitudes linguísticas de falantes naturais de duas cidades do Paraná: Londrina, pertencente à região norte, e Pitanga, localizada no centro do estado. Estas duas localidades apresentam falares que se diferenciam por fenômenos fonéticos, um dos quais consiste na realização da vogal anterior átona final /e/ e suas variantes [i] e [e], identificadas como características dialetais: a vogal alteada para Londrina e a vogal média mantida para Pitanga. A partir destas diferenças e embasados nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística, bem como em pesquisas focadas em crenças e atitudes linguísticas (LAMBERT; LAMBERT, 1968; LABOV, 2008; LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; CALVET, 2004; SILVA, 2010; BOTASSINI, 2013), analisamos o posicionamento de 24 informantes (doze de cada localidade) frente ao seu falar e ao falar do outro e constatamos a presença de preconceito linguístico dirigido ao subdialeto pitanguense e, em contrapartida, uma alta valoração do falar londrinense manifestada por todos os informantes e sustentada, essencialmente, pelas coerções sociais que envolvem as duas cidades em questão.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Crenças e atitudes linguísticas. Preconceito linguístico. Subdialetos paranaenses.

Palavras iniciais

A relevância dos estudos das crenças e atitudes linguísticas não é recente, visto que estudiosos como Labov (2008), em sua pesquisa sobre a variação linguística, neste particular sobre a fonética, registrada no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, na década de 70, já alertava sobre a necessidade e a importância do estudo desses aspectos. Corroborando as ideias do sociolinguista, Gómez Molina (1987, p.25) pondera que esses elementos atuam decisivamente junto à "consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permite ao

* UEL – Universidade Estadual de Londrina. Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem. Londrina – PR - Brasil. 86051-980 - helencso@hotmail.com

** Bolsista produtividade CNPq. UEL – Universidade Estadual de Londrina. Programa de pós-graduação em Estudos da Linguagem. Londrina - PR - Brasil. 86051-980 - vanderaci@uel.br

pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes; e influi na aquisição de segundas línguas.

Moreno Fernández (1998) complementa as contribuições de estudos dessa natureza, entendendo que possibilitam o conhecimento mais profundo de alguns processos, tais como a eleição de uma língua em sociedades multilíngues, a inteligibilidade, o planejamento linguístico, o ensino de línguas. Ademais, ele assevera que as atitudes agem decisivamente nos processos de variação e mudança linguísticos que se produzem nas comunidades de fala, pois:

[...] una actitud favorable o positiva puede hacer que un cambio lingüístico se cumpla más rápidamente, que en ciertos contextos predomine el uso de una lengua en detrimento de otra, que la enseñanza-aprendizaje de una lengua extranjera sea más eficaz, que ciertas variantes lingüísticas se confinen a los contextos menos formales y otras predominen en los estilos cuidados. Una actitud desfavorable o negativa puede llevar al abandono y el olvido de una lengua o impedir la difusión de una variante o un cambio lingüístico¹. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179).

Apesar de profícuo e importante, no entanto, o ramo da Sociolinguística responsável pelos estudos das crenças e atitudes linguísticas carece de mais pesquisas que busquem explicar a influência que esses elementos desempenham na variação e mudança linguísticas de um país tão extenso e multifacetado como o Brasil. Diante disso, o presente trabalho busca analisar as crenças e as atitudes linguísticas de falantes naturais de Pitanga, localizada no centro do estado do Paraná, e de falantes oriundos de Londrina, cidade norte-paranaense, frente a um fato fonético que diferencia os dois subdialetos, a saber: alçamento da vogal média átona final /e/, na fala londrinense, e a sua manutenção, na fala pitanguense.

Levando em consideração que tudo o que é diferente causa estranheza e, às vezes, até rejeição, procuramos verificar, orientados pelos postulados dos psicólogos sociais Lambert e Lambert (1968), como os falantes dos dois subdialetos se avaliam e como ajuízam o falar diferente que lhes é apresentado, isto é, quais sentimentos se manifestam quando eles se identificam ou não com o seu falar e com o falar do outro, já que, conforme Aguilera (2008a), um traço definidor da identidade do grupo é a variedade linguística utilizada por ele, sendo assim, qualquer atitude em relação aos grupos com determinada identidade pode ser e, na maioria dos casos, é uma reação às variedades usadas por esse grupo ou aos

¹ “[...] uma atitude favorável ou positiva pode fazer que uma mudança linguística se cumpra mais rapidamente, que em certos contextos predomine o uso de uma língua em detrimento de outra, que o ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira seja mais eficaz, que certas variantes linguísticas se confinem aos contextos menos formais e outras predominem nos estilos cuidadosos. Uma atitude desfavorável ou negativa pode levar ao abandono e ao esquecimento de uma língua ou impedir a difusão de uma variante ou uma mudança linguística.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179, tradução nossa).

seus usuários, uma vez que normas e marcas culturais dos falantes se transmitem ou se sedimentam por meio da língua, atualizada na fala de cada indivíduo.

Isso posto, os dados apresentados neste trabalho, bem como as indagações registradas ao final, possibilitam ao falante do português brasileiro reconhecer-se linguisticamente e permitem aos estudiosos da área compreender como os próprios falantes se veem e se sentem em relação aos demais, gerando subsídios, a longo prazo, para uma possível explicação da mudança e variação linguísticas, e também para ilustrar, incontestavelmente, a fusão entre língua e sociedade.

Aporte teórico

Além de fazer parte da constituição do indivíduo, a língua ou o dialeto utilizado por ele pode integrá-lo, valorizá-lo, discriminá-lo ou elevá-lo socialmente. Desde a antiguidade, é possível constatar tal assertiva, como, por exemplo, na sociedade greco-romana, na qual as pessoas para serem consideradas cidadãos precisavam, dentre outros requisitos, dominar a língua falada pelos detentores do poder, tais como o clero, os doutores e as personalidades reais.

Isso se deve ao fato de a língua se adequar para expressar os acontecimentos sociais, como os de ordem política, cultural e histórica, ou seja, ela se transforma junto com a sociedade, representando-a. Pode-se dizer, pois, que a sociedade, transformando-se, exige que a língua se adapte a essas mudanças, uma vez que os sujeitos mudam seus focos, seus objetivos, suas perspectivas e os comunicam por intermédio da língua que compartilham. Sendo assim, é correto afirmar que existe uma tríade indissociável homem-língua-sociedade, pois cada componente depende do outro para existir. Em termos semelhantes, é o que mostra Benveniste (1995, p.27) quando afirma que “[...] é dentro da, e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.”

Todo sujeito necessita, pois, dominar uma língua a fim de se integrar ativamente ao sistema social e, assim, constituir a sua identidade, revelando-se “[...] como pertencente a uma comunidade determinada historicamente, ou, pelo menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática desta ou daquela língua.” (COSERIU, 1987, p.19)

Essa relação complexa e inerente entre língua, sociedade e identidade provoca nos falantes posicionamentos frente à língua ou à variedade linguística e, conseqüentemente, aos usuários destas. Desse modo, os indivíduos desencadeiam atitudes movidas pelas crenças linguísticas impregnadas, ao longo do tempo pela sociedade, na língua e nos dialetos, manifestando, assim, atitudes de rejeição ou de aceitação, de preconceito ou prestígio, de correção ou de erro, dentre outras.

Cabe à Sociolinguística, mais especificamente a uma de suas ramificações, ou seja, a que trata das crenças e atitudes linguísticas, estudar esses fatos atitudinais e examinar o impacto determinante que eles produzem na língua, isto é, na mudança linguística. Orientados pela Psicologia Social,² os primeiros trabalhos que tinham por objeto a análise de atitudes não contemplavam, especificamente, a área linguística. Podemos apontar os psicólogos sociais Lambert e Lambert (1968) como precursores da introdução da linguagem nesse ramo científico, cuja implementação se concretizou por meio de uma pesquisa responsável por trazer à luz a técnica *matched guise* (falsos pares).

O referido estudo foi realizado com alunos do Colégio Anglo-Canadense em uma comunidade franco-britânica, em Montreal, a qual denotava certo **cisma** entre os montrealenses de fala francesa e os de fala inglesa. Os objetivos centrais dos pesquisadores eram detectar a qual das línguas era atribuído mais prestígio e verificar como um grupo via o outro a partir de seu idioma e de que maneira as atitudes de um grupo maior influenciavam um grupo menor. Para tanto, eles apresentavam gravações de falantes bilíngues que liam ora em inglês, ora em francês, a alunos-juizes para que avaliassem pontos como a beleza, o caráter, a inteligência, a amabilidade, dentre outros, dos donos das vozes. Vale destacar que, na realidade, os alunos-juizes ouviram dez gravações que pensavam advir de dez pessoas diferentes, contudo, tratava-se, como mencionado, somente de cinco falantes bilíngues, ou seja, foram utilizados **falsos pares**, com o objetivo de observar as atitudes que os estudantes mantinham diretamente em relação ao idioma.

No que tange aos resultados, os autores constataram atribuição maior de prestígio e de características positivas aos supostos falantes ingleses. E o mais interessante é notar que a segunda parte do trabalho, realizada no Colégio Franco-Canadense, obteve o mesmo resultado. Para entender melhor, é preciso saber que os próprios alunos se consideravam **mais importantes** e diziam ser **mais bem recebidos** quando falavam em inglês. Este último resultado leva os psicólogos a concluir que as atitudes dos membros de um grupo menor são afetadas pelos contatos com grupos considerados de posição social mais elevada, pois tais informantes manifestam um sentimento de inferioridade em relação ao seu próprio idioma devido, sobretudo, à coerção que sofrem do grupo maior (idioma inglês). Dessa forma, a fim de “[...] melhorarem suas posições e incentivarem seu senso de valia, os membros de grupos minoritários identificam-se, aparentemente, e incorporam, insensatamente, as atitudes estereotipadas ou prejudicadas dos que detêm o poder.” (LAMBERT; LAMBERT, 1968, p.85)

² Ramo da Psicologia que se baseia no “[...] estudo experimental dos indivíduos examinados no seu enquadramento social e cultural.” (LAMBERT; LAMBERT, 1968, p.7).

A partir da década de 70, pesquisadores do ramo da Sociolinguística, como Labov (2008), López Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Gómez Molina (1998), entre outros, vêm incorporando em seus trabalhos análises de crenças e atitudes, pois, além dos fatores sociais, muitos estudos atestam a importância do reconhecimento dos padrões de prestígio sustentados pelas comunidades linguísticas e suas influências no processo de variação ou de mudança.

No Brasil, de acordo com levantamentos feitos até então, podemos referenciar dois trabalhos como pioneiros nessa área: o de Andrietta Lenard (1976), cujo título é *Lealdade linguística em Rodeio (SC)*, que buscou verificar a fidelidade linguística dos falantes do município de Rodeio - SC, objetivando a compreensão dos elementos linguísticos e históricos que levaram os imigrantes italianos a desenvolver uma forte resistência à integração linguística na referida cidade, e, posteriormente, o estudo de Maria Isolete Pacheco Menezes Alves (1979) intitulado *Atitudes linguísticas de nordestinos em São Paulo* cujo foco era avaliar as atitudes linguísticas desses falantes frente às variedades linguísticas nativas e paulistas. Houve, após esses dois estudos, certa lacuna de pesquisas sobre esse tema,³ revivificado em nosso país a partir do final da década de 1990 por meio, principalmente, de dissertações e teses desenvolvidas em universidades do Sul e Sudeste do Brasil.

A relevância que as crenças e as atitudes linguísticas possuem hoje deve-se ao fato amplamente disseminado de que existem línguas, dialetos e variedades que representam classes sociais mais elevadas ou prestigiadas, característica que a elas atribui, na maior parte das vezes, um lugar privilegiado na escala social, ou seja, maior *status*. Dentre tantos, podemos citar como exemplos a língua inglesa, idioma universalmente conhecido e ensinado e a variedade padrão da língua portuguesa, forma eleita como própria daqueles que estão alocados em uma escala social mais bem conceituada.

A posição social que ocupa uma língua ou um dialeto, somada às crenças e aos sentimentos que o indivíduo mantém em relação aos seus usuários, define a atitude linguística, elucidada por Moreno Fernández (1998, p.179) como:

*[...] una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad, y al hablar de "lengua" incluimos cualquier tipo de variedad lingüística: actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes.*⁴

³ Visando a uma melhor compreensão dos estudos desenvolvidos, no Brasil, nessa área de estudo, recomendamos a consulta às obras de Botassini (2013) e Silva (2012).

⁴ “[...] uma manifestação da atitude social dos indivíduos distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, e ao falar de ‘língua’, incluímos qualquer tipo de

Em outros termos, mas em comunhão com este sociolinguista, Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p.23) definem as atitudes linguísticas como “[...] uma postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro.”

Moreno Fernández (1998) e López Morales (1993) apontam, ainda, para a existência de linhas teóricas que divergem entre si de acordo com a definição que estabelecem para atitudes linguísticas, a saber: a **mentalista** e a **comportamentalista**. Os princípios desta estabelecem que as atitudes são interpretadas como uma “[...] conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua ou situação ou a características sociolinguísticas dadas.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.182); para a linha **mentalista**, que sustenta o presente trabalho, as atitudes são entendidas como um “[...] estado interno do indivíduo [...] uma categoria intermediária entre um estímulo e o comportamento ou a ação individual.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.182) Os pesquisadores dessa linha, ao tomarem de empréstimo a composição de atitudes propostas por Lambert e Lambert (1968), apontam três elementos fundamentais: o cognoscitivo (saber ou crença); o afetivo (sentimento/valorização) e o conativo (conduta sociolinguística).

Tarallo (1997, p.14), ao tratar do assunto, acrescenta, ainda, o conceito de identidade linguística, entendendo que as atitudes são “[...] armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado.” De acordo com essa definição, a partir do momento em que o indivíduo se posiciona positiva ou negativamente diante de uma variedade, ele se reveste de uma identidade que o diferencia de um grupo, etnia ou povo.

Para tanto, é imprescindível que o falante tenha consciência linguística, isto é, que ele seja capaz de conhecer, bem como de distinguir as diferenças que envolvem a língua, ou variedades que o rodeiam e, além disso, que conheça a carga social que elas carregam. Para López Morales (1993), a escolha de uma variante em detrimento de outra supõe, pelo menos, duas hipóteses: a primeira é a de que o falante conhece a existência das duas variedades e a segunda remete à **consciência sociolinguística**, ou seja, o falante precisa saber qual variante é mais prestigiada em seu meio social e aproveitar-se disso para elevar-se socialmente. Essa consciência regulamenta os posicionamentos linguísticos adotados pelos usuários de uma língua, ou de um dialeto e, não raramente, os levam a manifestar atitudes como: segurança ou insegurança linguística; lealdade ou deslealdade, prestígio ou desprestígio; estereotipação e estigmatização,

variedade linguística: atitudes em relação a estilos diferentes, socioletos diferentes, dialetos diferentes ou línguas naturais diferentes.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.179, tradução nossa).

dentre outras. A fim de otimizar nosso espaço físico e demonstrar na prática a manifestação dessas atitudes, discorreremos mais detalhadamente sobre elas no subtópico da análise dos dados.

A pesquisa e seus aspectos metodológicos

Os dados aqui analisados fazem parte de um acervo coletado *in loco*, em 2009. Na oportunidade, buscamos analisar as crenças e atitudes linguísticas entre falantes de duas regiões distintas do estado do Paraná, a saber: o Norte, representado pela cidade de Londrina, e o Centro, representado pelo município de Pitanga. As falas dessas duas localidades se diferenciam, sobretudo, pelo alicamento da vogal média átona final /e/ > [i], ou seja, enquanto em Londrina a vogal átona final anterior sofre o alicamento, como em ponte [ˈpõ̃tʃɪ] (AGUILERA, 1994); em Pitanga, essa vogal é mantida, como em [ˈpõ̃te]. Essas duas variedades, frequentemente, causam estranhamento em uma e outra comunidade de fala.

Ademais, é válido conhecer as diferenças existentes entre as duas cidades, haja vista que Londrina comporta 506.701 habitantes (IBGE, 2010), é uma cidade cosmopolita, ou seja, nela existem indivíduos de todas as regiões do Brasil, os quais chegam com a esperança de uma vida melhor, devido às condições que a cidade proporciona. O município conta, ainda, com museus, teatros e uma dezena de universidades compostas por inúmeros cursos, como é o caso, por exemplo, da UEL (Universidade Estadual de Londrina).

Em contrapartida, Pitanga tem 32.638 mil habitantes e sua economia gira em torno da agricultura, pecuária, extrativismo vegetal, comércio e indústrias de atividades primárias (madeira e papelão). Quanto à área da educação, além das escolas de ensino básico, conta com 02 instituições de nível superior: UCP (Faculdades Centro do Paraná) e o câmpus da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste).

Nosso objetivo, na oportunidade, consistia em verificar se os falantes demonstravam atitudes diferenciadas e até mesmo preconceituosas em relação à diferença fonética citada. Para tanto, entrevistamos 12 informantes de cada ponto e, baseados na técnica elucidada anteriormente, de Lambert e Lambert, solicitamos a esses informantes que, após a audição de duas gravações realizadas mediante a leitura de um texto (anexo 1): uma feita por um falante pitanguense e outra por um falante londrinense, preenchessem uma ficha avaliativa (anexo 2)⁵ sobre os donos das vozes.

⁵ Essa ficha foi devidamente adaptada aos propósitos desta pesquisa. Sua origem se deve ao trabalho de Bergamaschi (2006) que, por sua vez, baseou-se no material do *Projeto Estigma*, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, cujo objetivo é o de efetuar um estudo do binômio prestígio e estigmatização sociolinguística

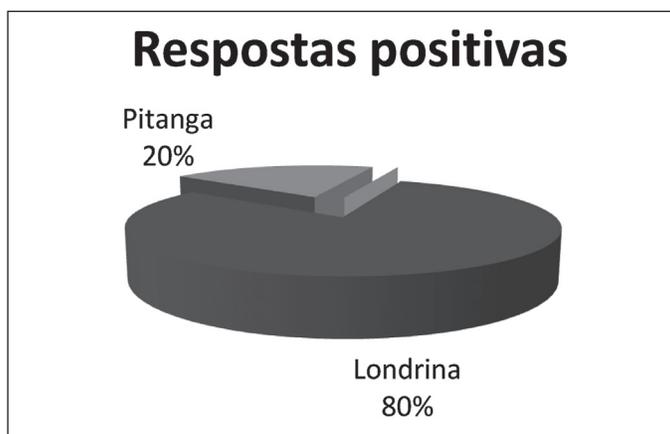
Levando em consideração que a alternância da vogal átona final anterior /e/, muitas vezes, causa estranhamento para os falantes de uma e de outra variedade, conjecturamos as seguintes hipóteses:

- (i) os falantes de Pitanga acreditam dominar uma fala mais correta uma vez que mantêm a vogal anterior átona final mais próxima da linguagem escrita;
- (ii) os falantes de Londrina acreditam que a fala de Pitanga, observada a partir da realização da vogal anterior átona final sem o alçamento, constitui uma fala “mais caipira” e representa uma forma sem prestígio;
- (iii) as pessoas costumam rotular um falante, de forma positiva ou negativa, a partir da variante linguística própria de seu grupo;
- (iv) como afirma Tarallo (1997), essas diferenças são apenas indicadores e não estão no nível de consciência de seus falantes.

Descrição dos dados

Visando a uma elucidação mais bem organizada, elaboramos o gráfico 1, que apresenta o total de respostas positivas⁶ obtidas na pesquisa.

Gráfico 1 – Total de respostas positivas obtidas na pesquisa



Fonte: Elaboração própria.

na comunidade de fala da Região de Colonização Italiana (RCI) na Serra Gaúcha, bem como desenvolver uma explicação do fenômeno para melhor compreensão da relação entre linguagem e cultura na Região.

⁶ As opções de respostas apresentadas aos informantes foram duas: concordo e discordo, contudo, visando ao maior entendimento e praticidade, partiu-se apenas de uma delas para a elaboração das conclusões, tabelas e gráficos, ou seja, da opção concordo, uma vez que tanto a escolha de uma ou outra caracteriza o mesmo resultado.

Logo de início, verificamos que, no cômputo geral, a fala londrinense é mais bem avaliada por todos os informantes, perfazendo o total de 80% das respostas positivas frente a apenas 20% dirigidas à fala pitanguense.

Todavia, a fim de esclarecer como se compuseram tais números, apresentamos a descrição e a análise de 09 questões, das 16 constituintes do questionário, que se mostraram produtivas para a interpretação dos dados e as dividimos em 04 quadros de acordo com os seguintes aspectos: o primeiro referente à inteligência e aparência dos falantes (Q.1: Esta pessoa que você ouviu é inteligente. Q.2: Esta pessoa que você ouviu é feia.); o segundo relativo à fala (Q.3: Esta pessoa que você ouviu sente vergonha de falar assim. Q.4: Esta pessoa que você ouviu fala corretamente.); o terceiro que diz respeito a questões sociais (Q.5: Esta pessoa que você ouviu é estudada. Q.6: Esta pessoa que você ouviu sofre preconceito social. Q.7: Esta pessoa que você ouviu é atrasada. Q.16: Esta pessoa que você ouviu exerce a profissão de.); e o quarto concernente ao caráter (Q.15: Esta pessoa que você ouviu é de confiança.).

Quadro 1 – Respostas referentes à inteligência e à aparência

	Informantes de Londrina	Informantes de Pitanga
Inteligência e Aparência	Dentre os entrevistados de Londrina, 84% acreditam que seu conterrâneo é inteligente e, menos da metade, 42% afirmam que ele é feio. Todavia, ao julgarem o pitanguense, o resultado é inverso, pois os números respectivamente mudam para 75% e 67%.	As respostas dos informantes de Pitanga para as mesmas questões indicam que eles foram unânimes (100%) ao atribuir inteligência ao falante de Londrina e em relação ao seu falar o percentual cai para 67%. No que diz respeito ao quesito beleza, a predileção pelo londrinense é mantida, haja vista que apenas 17% afirmam que este é feio e, em contrapartida, mais da metade (59%) pensa isso do falante pitanguense.

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 – Respostas referentes à fala

	Informantes de Londrina	Informantes de Pitanga
Fala	<p>No que se refere especificamente à fala, 75% dos londrinenses concordam que o falante de Pitanga sente vergonha do seu falar, contra apenas 25% que aderem a essa mesma afirmativa em relação ao falante de Londrina; 84% acreditam que este fala corretamente e apenas 34% que aquele apresenta a mesma qualidade. Tais números evidenciam eficazmente, por estarem ligados diretamente à fala, o desprestígio atribuído pelos londrinenses ao subdialeto de Pitanga.</p>	<p>As respostas dadas à questão 3 revelam que 67% das pessoas naturais de Pitanga creem que o seu conterrâneo sente vergonha da sua variante e apenas 17% pensam que o falante de Londrina o sente. No entanto, no tocante à fala correta, houve empate (84%), resultado que nos leva a inferir que, desta vez, não houve predileção por nenhum dos subdialetos apresentados. No entanto, tal fato também evidencia que, se de um lado os pitanguenses não valorizaram nenhuma fala, de outro, quando tiveram a oportunidade, não prestigiaram seu próprio falar como fizeram os informantes de Londrina.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3 – Respostas referentes às questões sociais

	Informantes de Londrina	Informantes de Pitanga
Questões sociais	<p>Para 84% dos londrinenses, seu compatriótico lembra uma pessoa estudada, já, quanto ao outro falante, apenas 42% comungam da mesma opinião. Ademais, esse percentual se repete ao acreditarem que o falante de Pitanga sofre preconceito e sobe para 50% quando afirmam que ele é atrasado, enquanto que, em relação ao de Londrina, uma quantidade menor de informantes, ou seja, 34% concordam com tais afirmações.</p>	<p>Novamente houve incidência de empate entre os pitanguenses, pois 84% deles afirmam que os dois falantes são estudados. Todavia, 59% e 25% respectivamente concordam que seu concidadão sofre preconceito social e é atrasado, enquanto que, simultaneamente, esses números caem para 17% em relação ao falante de Londrina.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 3.1 – Respostas referentes às questões sociais: profissões

	Atribuídas ao falante de Londrina	Atribuídas ao falante de Pitanga
Profissões	<p>Ao contrário do que ocorreu com o pitanguense, salvo exceções, foram delegadas ao londrinense, de forma significativa, profissões que supõem Ensino Superior, entre elas advogado, bancário, secretário, professor e repórter, além de quatro citações de estudante.</p> <p>Inferimos, novamente, de acordo com os dados apresentados, a valorização do londrinense, analisado somente pela sua fala, bem como o inverso para o falante de Pitanga.</p>	<p>Constatamos que foram atribuídos ao pitanguense cargos menos prestigiados, tais como atendente, garçom, pedreiro, marceneiro, motorista, sitiante, entre outros. Dois informantes alegam, inclusive, que se trata de uma pessoa desempregada. Em suma, verificamos que 80% das funções direcionadas a esse falante não requerem formação superior, excetuando-se, talvez, as de funcionário público e bancário. A partir desse fenômeno, pode-se inferir que os informantes, em um contexto geral, pensam ser o falante de Pitanga um indivíduo com baixa escolaridade, incluído em faixas inferiores na escala social.</p>

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 4 – Respostas referentes ao caráter

	Informantes de Londrina	Informantes de Pitanga
Caráter	<p>Diferentemente de todos os resultados até então verificados, os informantes de Londrina atribuíram em maior número uma qualidade ao falante de Pitanga, pois 75% deles afirmam ser este uma pessoa de confiança, número reduzido (58%) quando avaliam o falante londrinense. Essa posição dos informantes de Londrina pode estar atrelada à própria configuração social das cidades, haja vista que Pitanga, como já elucidamos, é uma cidade menor e com a economia voltada à agricultura, características que atribuem aos seus falantes qualidades de pessoas simples e mais confiáveis se comparadas àquelas que habitam as metrópoles.</p>	<p>Entre os entrevistados de Pitanga, houve empate para esta questão (75%).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Análise dos dados

A análise dos resultados descritos nos permite aplicar, na prática, muitos dos postulados que sustentam os estudos das crenças e atitudes linguísticas. Antes, porém, é válido aprofundar a conceituação desses termos. Como já apresentamos, para Lambert e Lambert as atitudes são formadas pelos pensamentos e pelas crenças, pelos sentimentos (ou emoções) e pelas tendências para reagir. Já de acordo com López Morales (1993), a atitude constitui-se, sobretudo, pelo traço comportamental, por condutas que podem ser positivas ou negativas, e as crenças, por sua vez, são formadas por elementos cognitivos e/ou afetivos. Apesar das discrepâncias entre os estudiosos no que tange ao lugar que as crenças ocupam em seus axiomas, verificamos que elas são um fator determinante da atitude, seja por constituí-la, como defendem os psicólogos sociais, seja por elas conterem a própria atitude, como assegura López Morales (1993). Na verdade, podemos afirmar que as duas teorias podem e devem se complementar, haja vista que as crenças “[...] determinam o comportamento dos indivíduos, no sentido de que são elas que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesma.” (BOTASSINI, 2013, p.56).

Os informantes do presente trabalho, ao responderem as questões solicitadas durante a pesquisa, ou seja, ao tomarem uma atitude frente à fala que ouviam, faziam-no sempre ancorados em suas crenças. Isso fica perceptível quando se verifica que todos atribuíam menos beleza, inteligência, estudo, fala correta, profissões mais simples, em suma, menos qualidade ao falante de Pitanga, lembrando que seu parâmetro para avaliação era unicamente a voz dos falantes. Dessa forma, inferimos que, ao relacionarem as vozes com sua provável origem, a consciência sociolinguística (LÓPEZ MORALES, 1993) dos entrevistados foi prontamente ativada e, assim, realizaram a ligação entre usuário e variedade linguística. Dito de outra forma, eles associam a fala ao lugar social que esta ocupa, neste caso, o de uma cidade pequena, interiorana, dotada de menor *status*.

Além disso, nossos resultados corroboram aqueles obtidos por Lambert e Lambert (1968), pois, assim como eles, constatamos que as ações de um grupo menor, neste caso as pitanguenses, são orientadas pelas de um grupo maior, os londrinenses. Tal fato é sustentado pela desvalorização e, até mesmo, pelo preconceito em relação ao subdialeto de Pitanga tanto por parte de seus falantes quanto dos londrinenses. Ao encontro dessa afirmativa, Aguilera (2008b) assevera que as atitudes de valorização ou de rejeição às variedades de língua em uso são reguladas pelos grupos de maior prestígio social, ou os mais altos na escala socioeconômica, os quais ditam o que tem prestígio e *status*.

Ao sustentarem crenças de inferioridade para com o seu subdialeto, os falantes naturais de Pitanga denotam insegurança linguística, que, segundo

Calvet (2004, p.72), se dá “[...] quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso [...]”, neste particular, o de Londrina. Esse processo, como demonstrado na descrição dos dados, desencadeou o sentimento de deslealdade no que tange ao seu próprio falar. Resultado semelhante foi obtido por Botassini (2013) em sua tese de doutoramento, na qual buscou verificar as crenças e as atitudes linguísticas de falantes cariocas, gaúchos e maringenses todos residentes no Norte do Paraná há, pelo menos, oito anos, em relação ao uso dos róticos em coda silábica. Dentre os seus resultados, a autora constatou que os informantes do Paraná direcionaram ao falar gaúcho a característica de fala mais correta, mais culta. Já, em relação ao seu próprio dialeto, eles indicam certa “rejeição” ou, pelo menos, menor estima, ou seja, eles foram desleais com a sua própria variedade linguística.

A união de todos os sentimentos evidenciados pelos informantes de Pitanga apontam para uma possível atitude preconceituosa em relação ao seu subdialeto mantida pelo estereótipo de “sitiante”, termo mencionado por eles mesmos no decorrer da pesquisa. O preconceito, associado a um juízo de valor dirigido antecipadamente às pessoas ou a um grupo, consiste em um julgamento generalizado e superficial que não leva em consideração a individualidade do sujeito. Trata-se de uma ideia preconcebida sustentada, normalmente, por estereótipos, desenvolvidos por intermédio das crenças, que categorizam subjetivamente as pessoas mediante padrões cristalizados na sociedade. Em outros termos, é a tipificação e a redução de alguém ou de algum grupo tendo em vista características específicas, neste caso, a simplicidade dos pitanguenses. Exemplificando, é como se o raciocínio seguisse essa ordem: todo falante natural de Pitanga é simples, humilde, sitiante, logo quem fala como ele, ou seja, quem apresenta a manutenção da vogal média átona final [e] também o é.

Neste sentido, podemos, inclusive, conjecturar que esse fato fonético serve como um estigma entre os falantes de Pitanga, lembrando que as mesmas peculiaridades que servem para incluir os indivíduos ou grupos em determinada categoria ou tipo podem impor-se como marcas ou rótulos, ou seja, como estigmas, os quais são atribuídos mediante aspectos como gênero, etnia, fala e posição social. Vistas de maneira preconceituosa, tais marcas selecionam os sujeitos, isto é, “[...] quando um indivíduo tem um traço que o torna diferente dos outros, talvez menos desejável, deixamos de considerá-lo comum e passamos a ignorar seus outros atributos. Tal traço é o estigma.” (FAGGION, 2010, p.62). Os que não o possuem serão os **normais**, capazes de discriminar e reduzir as chances dos que o possuem, com base em ideologias e em interferências sem fundamento. Frosi, Faggion e Dal Corno (2010)

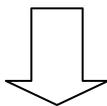
acrescentam que o termo estigma remete às marcas feitas com fogo ou cortes, pelos gregos, nas faces dos escravos, traidores ou criminosos a fim de separá-los das demais pessoas. Atualmente, contudo, o termo passou a englobar, além de sinais físicos, os sociais. Isto quer dizer que as pessoas por meio de rótulos marcam, estigmatizam as outras, tratando-as como diferentes, banindo-as e colocando-as à margem da sociedade. Devido ao seu papel excludente e, por muitas vezes, traumatizante, a estigmatização implica maiores consequências negativas que o preconceito, por estar além deste, como se fosse uma forma mais forte de sua manifestação.

A fim de ilustrar o possível processo que ampara as atitudes desvalorizadoras dos informantes frente à variedade linguística de Pitanga, elaboramos um esquema que apresenta os componentes citados até o momento. Vejamos:

Esquema 1 – Percurso da estigmatização

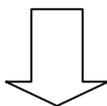
CRENÇAS

(A fala pitanguense é menos bonita ou correta porque seu grupo detentor é essencialmente rural e, socialmente, menor que o outro em questão)



ESTEREOTIPAÇÃO

(Todo falante rural apresenta uma **fala caipira**)



PRECONCEITO

ESTIGMATIZAÇÃO

(Uma das marcas ou estigmas que o difere dos demais falantes é a manutenção da vogal média átona final /e/. Dessa forma, todo falante que a apresenta é tratado preconceituosamente.)

Fonte: Elaboração própria

Na contramão de todos esses resultados, os informantes de Londrina, ao prestigiarem a sua fala, além de contribuírem para a desvalorização do subdialeto pitanguense, apresentam sentimentos que se opõem a todos os que foram discutidos até agora. Sob o comando, também de sua consciência

sociolinguística, eles prestigiam seu subdialeto, possivelmente, por associar o falante à sua cidade de origem. Para Moreno Fernández (1998, p.189)⁷ o prestígio linguístico

*[...] puede ser considerado bien como una conducta, bien como una actitud. Esto quiere decir que el prestigio es algo que se tiene y se demuestra, pero también es algo que se concede. Se podría definir el prestigio como un proceso de concesión de estima y respeto hacia individuos o grupos que reúnen ciertas características y que lleva a la imitación de las conductas y creencias de esos individuos o grupos.*⁸

Sobre o tema, ainda de acordo com Botassini (2013), as normas de prestígio são flexíveis, isto é, variam de um grupo social a outro, dependendo de questões sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas, históricas, linguísticas com as quais os indivíduos se identificam ou, ao contrário, das quais se diferenciam. Isso posto, podemos afirmar que os londrinenses, ratificando a teoria dos dois autores, atribuem à sua fala maior prestígio devido à condição social em que se encontra a sua cidade.

Devido a isso, os londrinenses apresentam segurança linguística, uma vez que, por razões sociais variadas, não se sentem questionados em seu modo de falar, considerando **sua** norma **a** norma (CALVET, 2004). Ou seja, trata-se daquelas pessoas que acreditam falar segundo os padrões impostos, ou que acreditam ser a sua variedade a mais bonita/correta e apresentam, geralmente, fidelidade linguística em relação à sua língua ou dialeto.

Por mais paradoxal que possa parecer, as atitudes linguísticas de todos os informantes, ao desprestigiarem o subdialeto de Pitanga, evidenciam que eles pertencem à mesma comunidade linguística, já que esta é formada, segundo Moreno Fernández (1998), por um conjunto de falantes que não só compartilha uma língua, mas, sobretudo, um conjunto de normas e de valores de natureza sociolinguística, isto é, as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, o mesmo critério no momento de valorar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos.

⁷ Acreditamos que seja desnecessário conceituar o desprestígio, pois o consideramos o contrário do conceito já definido, ou seja, do prestígio linguístico.

⁸ “[...] pode ser considerado como uma conduta, ou como uma atitude. Isto quer dizer que o prestígio é algo que se tem e se demonstra, mas também é algo que se concede. Pode-se definir o prestígio como um processo de concessão de estima e respeito entre os grupos que reúnem certas características e que leva à imitação das condutas e crenças desses indivíduos ou grupos.” (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p.189, tradução nossa).

Conclusões e inquietações

Diante das respostas obtidas e da análise empreendida, foi possível averiguar nossas hipóteses e constatar que a primeira delas, isto é, **os falantes de Pitanga acreditam dominar uma fala mais correta uma vez que mantêm a vogal anterior átona final mais próxima da linguagem escrita**, não foi confirmada, pois o que prevalece é a imagem que os próprios pitanguenses têm de si e do seu meio social. Por isso, salvo exceções, os resultados indicam, na realidade, o contrário, ou seja, são os informantes de Londrina que acreditam dominar uma fala mais correta devido à sua crença de mantenedores de *status*. Tal resultado ratifica, no entanto, a segunda conjectura: **os falantes de Londrina acreditam que a fala de Pitanga, observada a partir da realização da vogal anterior átona final sem o alçamento, constitui um erro e representa uma forma sem prestígio**.

A terceira proposição aventada é a que mais se salienta, pois, como pode ser apurado durante a análise dos dados, guardadas as devidas ressalvas, os falantes foram rotulados ora como bonitos, estudados, inteligentes, ora como o inverso. Sendo assim, confirma-se a hipótese de que: **as pessoas costumam rotular um falante, de forma positiva ou negativa, a partir da variante linguística própria de seu grupo**. Esse preconceito, como pode ser observado nas análises, parte, na realidade, do modo como os informantes avaliam socialmente o falante de Pitanga. Sobre o assunto, Alkmim (2007, p.42) assegura que:

[...] os julgamentos sociais ante a língua – ou melhor as atitudes sociais – se baseiam em critérios não lingüísticos: são julgamentos de natureza política e social. Não casual, portanto, que se julgue *feia* a variedade dos falantes de origem rural, de classe baixa, com pouca escolaridade, de regiões culturalmente desvalorizadas.

Todas as descrições, análises, bem como as conclusões refutam a última das suposições, ou seja, **essas diferenças (as da fala) são apenas indicadores e não estão no nível de consciência de seus falantes**. Isso porque, caso as diferenças no que concerne à fala dos indivíduos não estivessem presentes na consciência dos informantes, não obteríamos os julgamentos pontuais de que dispomos. Sendo assim, de alguma forma, eles têm consciência, neste particular, do que é característico de um grupo maior e o que é de um grupo menor e fazem essa associação ao se posicionarem frente às variedades que lhes foram apresentadas.

Em suma, por meio deste trabalho foi possível verificar o poder que uma diferença dialetal - no caso, a alternância da vogal média átona final /e/, atrelada às crenças difundidas na sociedade - tem de influenciar nas atitudes linguísticas dos falantes, levando-os a desprestigiar seu conterrâneo devido à sua fala, como

no caso dos pitanguenses, ou a valorizar e a serem fiéis a sua variedade, como acontece entre os londrinenses. Essas averiguações certificam o fato de que, movidos por coerções sociais, os indivíduos delegam às variedades linguísticas sentimentos que vão desde a afetividade até a estigmatização uma vez que, segundo Leite (2010), a avaliação positiva ou negativa conferida a algum aspecto linguístico está associada aos valores sociais e não às características inerentes à linguagem.

O impacto de tais atitudes, de acordo com vários estudiosos da área, pode propulsionar a disseminação, o menor uso ou, até mesmo, a extinção de uma variante. Diante disso e de todos os resultados apurados, questionamo-nos: **estaria o subdialeto do centro do Paraná ou uma de suas características mais marcantes, a manutenção da vogal média átona final /e/, condenados, a longo prazo, ao desaparecimento, já que tanto seus falantes quanto os outros o desprestigiam?** No entanto, para responder a esta pergunta outra se faz necessária: **será que esse fenômeno fonético é estigmatizado por outros falantes do dialeto paranaense?** Ademais, interessa-nos também saber se a estereotipação do falante de Pitanga deveu-se, unicamente, a essa diferença ou se outras influíram nas atitudes negativas dos informantes.

Eis, como se pode verificar, um campo muito fértil para desvendar as andanças da língua. Diante de todo o exposto, podemos afirmar que esta pesquisa revela apenas a ponta de um *iceberg* que deve ser integralmente revelado por meio de mais pesquisas científicas orientadas pelas crenças e atitudes linguísticas.

SILVA, H. C. da; AGUILERA, V. de A. The power of a difference: a study on linguistic beliefs and attitudes. *Alfa*, São Paulo, v.58, n.3, p.703-723, 2014.

- *ABSTRACT: The current work analyzes the linguistic beliefs and attitudes of natural speakers from two cities in the state of Paraná: Londrina, in the Northern region, and Pitanga, located in the center of the state. These two cities present speeches that distinguish from each other due to phonetic phenomena, one of which consists in the realization of the final unstressed front vowel /e/ and its variants [i] and [e], identified as dialectal characteristics: the high vowel in Londrina and the maintained mid vowel in Pitanga. Starting with these two differences and based on the theoretical-methodological principles stemming from Sociolinguistics, as well as on research on Linguistic Beliefs and Attitudes (LAMBERT; LAMBERT, 1968; LABOV, 1976; LÓPEZ MORALES, 1993; MORENO FERNÁNDEZ, 1998; CALVET, 2004; SILVA, 2010; BOTASSINI, 2013), the attitudes of 24 informants (twelve from each city) were analyzed in face of their speech and the other's speech. The results indicate the presence of linguistic prejudice related to the subdialect from Pitanga and, on the other hand, high value attributed to the speech from Londrina, manifested by all the informants and supported, mainly, by social coercions perceived in the two cities.*
- *KEYWORDS: Linguistic beliefs and attitudes. Linguistic prejudice. Subdialects from Paraná.*

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes lingüísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v.2, p.105-112, 2008a.

_____. Crenças e atitudes lingüísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EDUFF, 2008b. p.311-333.

_____. **Atlas lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALKMIM, T. M. Sociolingüística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 2007. p.21-48.

ALVES, M. I. P. M. **Atitudes lingüísticas de nordestinos em São Paulo**. 1979. 220f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

BENVENISTE, E. **Problemas da lingüística geral I**. São Paulo: Pontes, 1995.

BERGAMASCHI, M. C. Z. **Bilinguismo do dialeto italiano-português: atitudes lingüísticas**. 2006. 154f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura regional) – Centro de Ciências Humanas, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes lingüísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CALVET, L. J. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Tradução Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

FAGGION, C. M. Estigma, cultura e atitude: investigações preliminares sobre o binômio prestígio/estigmatização na linguagem da Região de Colonização Italiana da Serra Gaúcha. In: FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma: cultura e atitudes lingüísticas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010. p.61-78.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma: cultura e atitudes lingüísticas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en una comunidad bilíngüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia**. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Censo demográfico 2010**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?parana|londrina>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LEITE, C. M. B. **O /R/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. 2010. 200f. Tese. (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LENARD, A. **Lealdade linguística em Rodeio (SC)**. 1976. 279f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1976.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

SILVA, H. C. da. **O /R/ caipira no triângulo mineiro**: um estudo dialetológico e de atitudes linguísticas. 2012. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

_____. **Crenças e atitudes linguísticas de falantes das regiões norte e central do Paraná**: uma análise segundo os princípios de Wallace Lambert. 2010. 71f. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

TARALLO, F. L. **A pesquisa sociolingüística**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.

ANEXOS

Anexo I – Texto utilizado para as gravações

Receita de pão de ló de chocolate

Ingredientes para a massa:

- 1 xícara de óleo;
- 1 xícara de água morna;
- 2 xícaras de farinha de trigo;
- 2 xícaras de açúcar;
- 1 xícara de chocolate em pó;
- 3 ovos;
- 1 colher de sopa de fermento em pó.

Ingredientes para o recheio:

- 1 lata de leite condensado;
- 1 lata de creme de leite;
- 1 colher de sopa de margarina;
- 4 colheres de sopa de chocolate em pó.

Modo de preparo para a massa:

- Coloque as gemas, o óleo e a água morna num recipiente de vidro, bata até misturar bem;
- Em seguida, bata a farinha, o açúcar, o chocolate e o fermento (pode colocá-los juntos para batê-los);
- Bater até formar uma massa;
- Bata as claras em neve e misture à massa;
- Coloque numa forma antiaderente e asse em forno pré-aquecido.

Modo de preparo para o recheio:

- Junte o leite condensado, a manteiga e o chocolate;
- Misture até engrossar;
- Quando aparecer o fundo da panela, apague o fogo, jogue a lata de creme de leite e misture.

Anexo II – Ficha avaliativa utilizada na pesquisa

Nome do entrevistado.....

Questões	Concordo	Discordo
1. Esta pessoa que você ouviu é inteligente.		
2. Esta pessoa que você ouviu é feia.		
3. Esta pessoa que você ouviu sente vergonha de falar assim.		
4. Esta pessoa que você ouviu fala corretamente.		
5. Esta pessoa que você ouviu é estudada.		
6. Esta pessoa que você ouviu sofre preconceito social.		
7. Esta pessoa que você ouviu é atrasada.		
8. Esta pessoa que você ouviu é grossa.		
9. Esta pessoa que você ouviu é trabalhadora.		
10. Esta pessoa que você ouviu tem respeito à família, aos pais e irmãos mais velhos.		
11. Esta pessoa que você ouviu dá importância ao trabalho como forma de vencer na vida.		
12. Esta pessoa que você ouviu ajuda os outros quando precisam.		
13. Esta pessoa que você ouviu engana os outros.		
14. Esta pessoa que você ouviu dá valor aos ensinamentos dos pais.		
15. Esta pessoa que você ouviu é de confiança.		
16. Esta pessoa que você ouviu exerce a profissão de:		

Recebido em setembro de 2013.

Aprovado em novembro de 2013.

